O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VI | Volume 20 | Nº 59 | Boa Vista | 2024

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.14284987

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

DAS CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE À VONTADE DE VERDADE: SENTIDOS SOBRE DEMOCRACIA NO DISCURSO DE JAIR BOLSONARO

José Domingos[1]

Matheus Kennedy Henriques de Macêdo[2]

Resumo

Com o advento da internet, a facilidade de acesso à informação e a imediaticidade de contato com o público digital fizeram com que o olhar dos políticos se voltasse para o potencial que as redes sociais teriam para seus objetivos. Destaca-se nesse grupo, o ex-presidente da República Jair Bolsonaro que construiu sua campanha eleitoral à presidência em 2018 através das redes sociais *Facebook* e *Twitter* (atual X) e, uma vez eleito, manteve sua comunicação do governo por meio destas plataformas. Assim, este estudo objetiva analisar o discurso sobre democracia presente nas declarações de Bolsonaro no *Twitter* durante o período eleitoral de 2022, visando compreender o funcionamento da vontade de verdade e das condições de possibilidade desse discurso. O aporte teórico, comunga das contribuições da Análise do Discurso de linha foucaultiana (2012; 2019). Metodologicamente, trata-se de um estudo descritivo-interpretativo de natureza qualitativa, com coleta de dados realizada através do levantamento sistemático de tweets publicados por Bolsonaro durante o período eleitoral de 2022. Os procedimentos de análise envolveram a organização do *corpus* em duas séries enunciativas, seguida da análise das condições de possibilidade e das vontades de verdade que constituem os discursos, conforme pressupostos teórico-metodológicos foucaultianos. Os resultados evidenciam que o discurso sobre democracia de Bolsonaro é marcado por uma regularidade discursiva que opera em duas direções principais: os ataques à oposição, caracterizando-a como ameaça aos valores democráticos, e a defesa da liberdade como pilar fundamental da democracia. Esta regularidade evoca tanto as discursividades da eleição vitoriosa de 2018 quanto as bases da formação ideológica do chamado bolsonarismo. Conclui-se que os sentidos de democracia produzidos nos tweets analisados são atravessados por uma vontade de verdade que busca legitimar uma concepção específica de democracia, alinhada aos interesses político-ideológicos do então presidente/candidato, ao mesmo tempo em que desqualifica visões divergentes sobre o regime democrático.

Palavras-chave: Bolsonaro; Democracia; Discurso.

Abstract

With the advent of the internet, the ease of access to information and the immediacy of contact with the digital public have made politicians turn their attention to the potential that social networks could have for their objectives. Among this group, former President Jair Bolsonaro stands out, having built his electoral campaign for the presidency in 2018 through the social networks Facebook and Twitter (currently X) and, once elected, maintained his government communication through these platforms. Thus, this study aims to analyze the discourse on democracy present in Bolsonaro's statements on Twitter during the 2022 electoral period, aiming to understand the functioning of the will to truth and the conditions of possibility of this discourse. The theoretical contribution shares the contributions of Foucaultian Discourse Analysis (2012; 2019). Methodologically, this is a descriptive-interpretative study of a qualitative nature, with data collection carried out through a systematic survey of tweets published by Bolsonaro during the 2022 electoral period. The analysis procedures involved organizing the corpus into two enunciative series, followed by the analysis of the conditions of possibility and the wills for truth that constitute the discourses, according to Foucaultian theoretical-methodological assumptions. The results show that Bolsonaro's discourse on democracy is marked by a discursive regularity that operates in two main directions: attacks on the opposition, characterizing it as a threat to democratic values, and the defense of freedom as a fundamental pillar of democracy. This regularity evokes both the discursivities of the victorious 2018 election and the bases of the ideological formation of the so-called Bolsonarism. It is concluded that the meanings of democracy produced in the analyzed tweets are permeated by a desire for truth that seeks to legitimize a specific conception of democracy, aligned with the political-ideological interests of the then president/candidate, while at the same time disqualifying divergent views on the democratic regime.

Keywords: Bolsonaro; Brazil; Democracy; Discourse.

[1] Professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutor em Linguística. E-mail: domingosuepb@gmail.com

[2] Graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: kennedymatheus473@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os atores políticos brasileiros sempre buscaram ampliar as reverberações de seus discursos a partir dos meios de comunicação vigentes. Foi assim com o jornal, o rádio, a televisão e nos últimos tempos com a internet. O avanço da internet permitiu que líderes políticos a utilizassem como plataforma de difusão dos seus ideais de mundo e mobilizações partidárias, outrora exclusivos de veículos como o rádio, jornal impresso e a televisão aberta. É nesse contexto que personalidades como o ex-presidente Jair Bolsonaro se cacifou na disputa eleitoral de 2018 e conduziu sua maneira de governar e de estabelecer comunicação com os seus: a partir das telas, *posts* e *tweets.*

Nessa perspectiva, foi concedido uma espécie de "palco" para as discussões ideológicas caras aos adeptos do que se convencionou chamar de "bolsonarismo", com maior reverberação e amplitude. Um dos temas mais presentes nas postagens do ex-presidente Bolsonaro era a democracia, obviamente, segundo sua visão de mundo.

Sendo assim, nosso objeto de análise se alicerça em algumas publicações de Bolsonaro no *Twitter*, durante a campanha eleitoral de 2022, acerca da democracia. Em julho de 2023, a rede social passou a se chamar X. Neste trabalho, optamos pela utilização da antiga denominação da rede social à época em que o *corpus* foi recortado para análise. Para tanto, as análises são empreendidas no sentido de compreender as condições de possibilidade em que emerge o discurso sobre a democracia, bem como os elementos da vontade de verdade que o constituem.

Diante do exposto, surgiram indagações pertinentes ao nosso estudo e que percorrem a órbita da Análise do Discurso (doravante AD), como o conceito de efeitos de sentido, produzidos/interpretados por sujeitos histórico-sociais e que se concretizam pela materialidade da linguagem, no caso em questão, pelos *tweets.* A base teórica adotada se estrutura a partir das contribuições de Foucault (2012; 2019), sobretudo nos conceitos de discurso, enunciado, vontade de verdade e condições de possibilidade. Nosso trabalho ainda destaca a noção de democracia enquanto regime político, que tem sido posto à prova a partir da ascensão de líderes que questionam seu próprio funcionamento, a partir do estudo de Azevedo e Lourenço (2023). Sendo o discurso resultante da interseção com a história e, portanto, gerado no social, sua emergência se dá mediante as possibilidades do exterior, das batalhas ideológicas travadas em sociedade. A vontade de verdade, por sua vez, compreende que os discursos estão envoltos em relações de poder que determinam regimes de verdade, sendo, portanto, a existência do discurso tido como verdadeiro resultado dessas disputas.

Assim, neste estudo, procuramos responder à seguinte questão: que sentidos sobre democracia são produzidos a partir das declarações de Jair Bolsonaro no *Twitter*, considerando as condições que

possibilitam seu aparecimento e as vontades de verdade que os constituem? Para respondermos à questão proposta, definimos como objetivo geral analisar o discurso sobre democracia presente nas declarações de Jair Bolsonaro no *Twitter* durante o período eleitoral de 2022, visando compreender o funcionamento da vontade de verdade e das condições de possibilidade desse discurso. Especificamente, objetivamos: i) Descrever as condições de possibilidade para a emergência do discurso de Jair Bolsonaro sobre a democracia; ii) Identificar o(s) sentido(s) acerca da democracia que são manifestados no discurso do então presidente da República, observando sua relação com elementos da memória discursiva; iii) Evidenciar a vontade de verdade que sustenta os dizeres sobre democracia no discurso do então presidente/candidato.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo descritivo-interpretativo de natureza qualitativa. Esse tipo de abordagem se adequa à proposta da pesquisa, uma vez que buscamos compreender fenômenos sociais e discursivos em seus contextos específicos, analisando de que maneira os sentidos são produzidos, circulam e se estabilizam em determinado discurso. A coleta de dados foi realizada através do levantamento sistemático de tweets publicados por Bolsonaro durante o período eleitoral de 2022. Os procedimentos de análise envolveram a organização do *corpus* em duas séries enunciativas, seguida da análise das condições de possibilidade e das vontades de verdade que constituem os discursos, conforme pressupostos teórico-metodológicos foucaultianos.

O presente estudo é justificado pelo fato de a democracia brasileira ter sido um dos temas mais frequentes nos discursos políticos do ex-presidente Jair Bolsonaro, não obstante, também em sua cruzada eleitoral de 2022. Semelhante ao pleito de 2018, a polarização política também se refletiu no entendimento das balizas democráticas, manifestadas em publicações no *Twitter* (hoje X), por exemplo, do mandatário da época. Além disso, entendemos que estudos que se debruçam sobre a democracia na contemporaneidade assumem um grau de importância elevado, haja vista o estado de emergência a que foram ou estão sendo submetidas diversas sociedades que se organizam no regime democrático, mediante a ascensão de líderes com pouco ou nenhum apreço às balizas democráticas e que as colocam sob constante ameaça, a exemplo do que aconteceu/acontece recentemente no Brasil, nos Estados Unidos e em partes da Europa. Analisar como esses discursos servem para a erosão democrática também é fincar uma bandeira em defesa da democracia.

Selecionamos para estudo dizeres do ex-presidente Bolsonaro sobre a democracia porque acreditamos na contribuição de trabalhos acerca desta figura político-histórica brasileira ainda “fresca” na memória nacional, apresentando a relação de seu discurso nas redes sociais. Academicamente, o estudo em questão possibilita que percebamos o funcionamento de noções teóricas postuladas pela AD a

saber, da *vontade de verdade* e das *condições de possibilidade* diante de um discurso ainda pouco esmiuçado pelos pesquisadores de AD.

Para além desta introdução, o presente texto encontra-se estruturado da seguinte forma: na próxima seção, apresentamos a revisão da literatura relevante com as categorias de análise necessárias para este estudo, partindo dos pressupostos da AD, especialmente na perspectiva foucaultiana, passando pela ideia de democracia e a relação entre o gênero *tweet* e Jair Bolsonaro, o sujeito enunciador que nos interessa nesta pesquisa. A seguir, desenhamos o percurso metodológico escolhido com vista aos objetivos pretendidos. Na sequência, a seção de análise e discussão da materialidade selecionada. Por fim, tecemos as considerações finais, estabelecendo uma reflexão entre o que foi discutido/analisado e as implicações práticas com a teoria escolhida.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS ESTUDOS DISCURSIVOS FOUCAULTIANOS

Ao refletirmos acerca das contribuições de Michel Foucault no campo da Análise do discurso, é consenso que desde as suas iniciais pesquisas, desenvolvidas na década de 1960, vislumbrou-se o empenho do filósofo francês em perceber o discurso como objeto de análise. Para este autor, o discurso como objeto aparece, de início, em sua tese de doutorado que deu origem ao livro *Histoire de la Folie à l´âge classique* (1972).

Todavia, para este estudo nos interessa a forma como a ideia de discurso foi delineada posteriormente: “chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiam na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar [...]” (FOUCAULT, 2012, p.39). Ainda nesta direção, podemos assinalar, conforme Moura *et al.* (2023, p.6), que o discurso “marcado pela história, [...] emerge por meio de condições de possibilidade, ou seja, surge num tempo e num lugar específicos, numa conjunção de saberes que o singulariza como um acontecimento”.

Sendo o discurso composto por enunciados, podemos considerá-lo, numa perspectiva foucaultiana, enquanto unidade/átomo do discurso, se propondo mediante uma posição sócio-histórica dada, marcada pelas regras de formação que legitimam e permitem a irrupção do dizer.

A natureza do enunciado é integrada pelas seguintes propriedades: a) referencial - relaciona-se com as leis de possibilidade que permitem o enunciado emergir num dado tempo e lugar e ser descrito e analisado de certa maneira; b) posição de sujeito - diz respeito a uma posição que é assumida no enunciado; c) domínio associado - corresponde ao fato de o enunciado estar relacionado a outros já efetivamente ditos e os que ainda serão produzidos num campo enunciativo; d) materialidade repetível -

para que possa existir, o enunciado carece de um lugar, de uma data, de uma substância, de uma superfície ou de um espaço institucional (FOUCAULT, 2012)

No panorama teórico foucaultiano, pensar em discurso passa necessariamente por falar em poder. Em sua obra, *A ordem do discurso* (2019), o filósofo francês discute sobre os procedimentos de controle e seleção do discurso, levando em conta que

> em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2019, p. 8-9).

Na perspectiva foucaultiana, os discursos não são isentos dos jogos de poder que estruturam e organizam a nossa sociedade, mas antes, se movimentam a fim de justificar verdades erguidas historicamente. O autor aponta alguns tipos de procedimentos de exclusão, tais como a interdição, a segregação e a vontade de verdade que ou excluem ou emudecem o sujeito do discurso. O movimento de exclusão discursiva fica nítido quando ele diz que "sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa" (FOUCAULT, 2019, p.9). O filósofo retoma a ideia de verdade defendida pelos gregos, segundo os quais a "verdade verdadeira" era aquela legitimada pelas instâncias de poder.

> Essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje (FOUCAULT, 2019, p.17).

A vontade de verdade "é um sistema que se funda naqueles tipos de discursos que funcionam como verdadeiros em detrimento de outros tidos como falsos" (DOMINGOS, 2020, p. 16). É a configuração social dominante que regula a manifestação dos discursos, permitindo aqueles que são válidos dentro de uma dada formação discursiva e proibindo aqueles que destoam dessa mesma formação, exercendo um rígido controle sobre o que circula na sociedade.

Em uma análise contemporânea sobre a problemática da verdade nos estudos foucaultianos, Paltrinieri (2021) desenvolve importante reflexão sobre como os processos de veridicção se constituem nas práticas discursivas. O autor argumenta que a compreensão da verdade está intrinsecamente ligada às condições históricas e culturais que possibilitam sua emergência, evidenciando que os modos de dizer a verdade são indissociáveis das relações de poder-saber que os constituem. Ao problematizar a verdade, Paltrinieri enfatiza a necessidade de questionar as suposições dominantes e observar as implicações

éticas da verdade em contextos democráticos. Esta análise é particularmente relevante à luz da atual crise de confiança pública nas instituições políticas, pois ressalta a importância de promover um ambiente mais inclusivo e receptivo para dizer a verdade.

Esta perspectiva dialoga diretamente com o método arqueológico foucaultiano, uma vez que problematiza os regimes de verdade e as condições que permitem que determinados enunciados sejam considerados verdadeiros em detrimento de outros, revelando assim o caráter contingente e histórico das formações discursivas.

Desse modo, não há uma verdade absoluta e incontestável, ela é uma construção ligada a sistemas de poder, produzida na sociedade, sempre buscando se constituir como a verdade soberana a partir de coerções, segundo o pensamento foucaultiano, interditando (proibindo a circulação) ou taxando como "loucura" (invalidando) outros discursos que contestem essa vontade de verdade vigente. Cada sociedade, época e grupo possui a sua vontade de verdade na tentativa de se assenhorar do poder através da dominação discursiva (DOMINGOS, 2020). Neste texto, pretendemos analisar esse confronto de vontades de verdade acerca do(s) sentido(s) de democracia a partir de como são apresentados no discurso de Jair Bolsonaro durante a campanha eleitoral de 2022, considerando as condições de possibilidade do seu aparecimento nesta formação histórica, bem como o fato do discurso político ser, em sua finalidade, um exercício de poder, como veremos na seção seguinte.

Das condições de possibilidade do discurso

Ao partir da noção de que o discurso é um lugar de luta permanente, consideramos que o discurso não pode ser visto apenas como um conteúdo representado por um sistema de signos, mas como "[...] práticas que formam sistematicamente os objetos de que fala [...]" (FOUCAULT, 2012, p. 60). Nessa perspectiva, as palavras e as coisas se relacionam de maneira complexa, porque essa relação é histórica, está repleta de construções e interpretações e perpassada por relações de poder. É preciso, então, descrever a dispersão dos acontecimentos discursivos através dos quais, graças aos quais e contra os quais se estabelecem os regimes de verdade (GREGOLIN, 2007).

Dessa forma, o trabalho do analista do discurso consiste em evidenciar as condições de possibilidade do que se diz e do que se faz dizer numa determinada época ou formação histórica, bem como do que se vê e do que se dá a ver nessa época. Em nossa pesquisa, buscamos mostrar o que torna possível os sentidos dos dizeres do então presidente/candidato acerca da Democracia e a que rede discursiva eles se filiam. Para tanto, aceitamos a proposta de Foucault (2012) de fazer uma análise

arqueológica, descrevendo os discursos a partir de seus enunciados, tentando fazer ver as diferentes práticas associadas a eles e os seus efeitos.

Como ressalta em sua *Arqueologia* (2012), esta seria uma análise da emergência dos enunciados como acontecimentos na superfície discursiva e uma tentativa de descrever relações entre enunciados que contemplem a descontinuidade imanente à própria noção de acontecimento. Ele sugere que seria fundamental

> [...] descrever um conjunto de enunciados, não como a totalidade fechada e pletórica de uma significação, mas como figura lacunar e retalhada; descrever um conjunto de enunciados, não em referência à interioridade de uma intenção, de um pensamento ou de um sujeito, mas segundo a dispersão de uma exterioridade; descrever um conjunto de enunciados para aí reencontrar não o momento ou a marca de origem, mas sim as formas específicas de um acúmulo [...] (FOUCAULT, 2012, p. 153).

Desse modo, a análise discursiva, para Foucault, deve procurar estabelecer uma lei de raridade, cujo objetivo é de determinar, por meio do enunciado, o sistema singular que permitiu seu aparecimento. Nesse sentido, ao analisarmos o discurso, devemos entendê-lo como

> [...] um bem finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência a questão do poder, um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política (FOUCAULT, 2012, p. 147-148).

Decorre disso que, para realizar a análise enunciativa, é necessário partir da exterioridade, porque são suas condições de possibilidade, as relações de poder e as lutas políticas que caracterizam a existência e os efeitos dos enunciados. Para Foucault, a análise dos enunciados deve tratá-los na forma sistemática da exterioridade, em suas descontinuidades, mesmo que de forma paradoxal, uma vez que isso não implicaria a existência de uma interioridade, como uma subjetividade fundadora (FOUCAULT, 2012).

Diante do exposto, devemos considerar as implicações impostas à análise das condições de possibilidade do discurso na perspectiva arqueológica. A primeira implicação desse tipo de análise é a de que o campo dos enunciados não deve ser pensado como uma tradução de algo que ocorre no pensamento das pessoas, mas reconhecido como um espaço de relacionamentos e de transformações sistemáticas. A segunda é a de que o domínio enunciativo não deve tomar como referência um sujeito individual, nem uma subjetividade transcendental, mas ser analisado como "[...] um campo autônomo cuja configuração defina o lugar possível dos sujeitos falantes. A terceira implicação é a de que, ao analisar a historicidade das coisas ditas, não devemos buscar sua natureza, ou seja, a história de uma

consciência individual e um sistema de intenções, porquanto "[...] 'não importa quem fala', mas que aquilo que é dito não é dito de qualquer lugar" (FOUCAULT, 2012, p.139).

Esta condição de existência do enunciado é tratada pelo autor como *função enunciativa*, isto é, o enunciado mantém com um sujeito uma relação determinada e que precisa ser especificada para não ser confundida com outros tipos de relação. Segundo o filósofo, o enunciado não precisa comportar a primeira pessoa para ter um sujeito, nem esse sujeito precisa ser idêntico ao autor do enunciado. O sujeito do enunciado seria uma função vazia, que pode "[...] ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado, porquanto um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos [...]" (FOUCAULT, 2012, p. 113). Para descrever um enunciado, é preciso determinar qual é a posição que pode e deve ser ocupada pelos indivíduos para ser seu sujeito, é preciso ter alguém que, efetivamente, possa afirmar aquilo que é dito no enunciado. Dessa forma, vamos perceber que na materialidade das postagens de Jair Bolsonaro em seu perfil no *Twitter* há a presença, explícita ou não, de outras posições discursivas atravessando o seu lugar de presidente/candidato à reeleição.

Considerar que os sentidos estarão sempre atrelados ao exercício da função enunciativa é assegurar à existência de dado discurso, necessariamente, ao jogo de uma exterioridade (FOUCAULT, 2012), no conjunto das coisas ditas e de suas múltiplas relações. A conjuntura sócio-histórica define o que é permitido dizer e o que não o é. Por isso é importante tratar os enunciados "[...] pelos contatos de superfície que eles mantêm com aquilo que os cerca, de modo a conseguirmos mapear o regime de verdade que os acolhe e que, ao mesmo tempo, ele sustenta, reforça, justifica e dá vida [...]" (FISCHER, 2003, p. 127).

Para Foucault, a análise enunciativa ainda precisa se dirigir a formas específicas de acúmulo. Nesse sentido, é importante observar que, para analisar os enunciados, é preciso levar em conta a existência de uma memória, de um conjunto de já-ditos. Assim, qualquer sequência discursiva da qual nos ocupemos poderá conter informações já enunciadas. Poderia haver um processo de reatualização do passado nos acontecimentos discursivos do presente. Então, é preciso selecionar os temas relacionados aos esquecimentos e mostrar qual o modo de existência que caracteriza os enunciados, que estão sempre diretamente investidos em técnicas e práticas, isto é, em relações sociais (FISCHER, 2003).

Além disso, a análise discursiva arqueológica considera os enunciados enquanto raridades determinadas pelas suas condições de existência, e atua para problematizá-los e localizar seus efeitos de verdade, questionar sua aparição mostrando, por exemplo, como eles surgem em detrimento de outros que são excluídos, rejeitados e tidos como falsos em determinados momentos e lugares. Nesse sentido, descrever enunciados, e suas possibilidades de existência, é entender como as coisas ditas são

acontecimentos que ocorrem em contornos muito específicos "[...] no interior de certa formação discursiva – esse feixe complexo de relações torna possível que certas coisas possam ser ditas *e serem recebidas como verdadeiras,* num certo momento e lugar [...]" (FISCHER, 2003, p. 373, grifo do autor).

Ainda para pensarmos as condições de possibilidade do discurso, devemos considerar que Foucault (2012, p. 118) sugere que levemos em conta, nas análises dos enunciados, o fato de existir um domínio associado a eles, uma vez que "[...] um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados [...]". Esse domínio é constituído

> [...] pela série de outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento [...] pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas, seja para falar de cada uma delas, não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados [...] pelo conjunto das formulações cuja possibilidade ulterior é propiciada pelo enunciado e que podem vir depois dele como sua consequência natural, ou sua réplica [...] pelo conjunto de formulações cujo status é compartilhado pelo enunciado em questão, com as quais se apagará, ou com as quais, ao contrário, será valorizado, conservado, sacralizado e oferecido como objeto possível, a um discurso futuro [...] (FOUCAULT, 2012, p. 119-120).

Desse modo, segundo Foucault, qualquer enunciado se localiza em um lugar especificado, pois não há enunciado livre, neutro e independente. Eles estão sempre fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando uma função no meio dos outros, apoiando-se ou se distinguindo deles, uma vez que "[...] não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis [...]" (FOUCAULT, 2012, p.121).

Foucault (2012, p. 110) ainda propõe que "[...] é preciso saber a que se refere o enunciado, qual é seu espaço de correlações, para poder dizer se uma proposição tem ou não um referente [...]" (p. 108). Nesse sentido, um enunciado sempre se relaciona a alguma coisa que Foucault chama de correlato do enunciado e define como "[...] um conjunto de domínios em que tais objetos podem aparecer e em que tais relações podem ser assinaladas [...]". O enunciado está ligado, segundo o autor, a um referencial que é constituído

> [...] de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas. O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados das coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado: define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade [...] (FOUCAULT, 2012, p. 110-111).

Em síntese, o referencial diz respeito às condições de possibilidades que definem as regras da existência no enunciado. As análises desse referencial permitem, então, a visibilidade das questões que são colocadas em jogo pelo próprio enunciado, conforme veremos nos posts do ex-presidente. Enfim, é preciso que seja reconhecida uma existência material no enunciado. Nesse sentido, Foucault questiona (2012, p. 121): "[...] Poderíamos falar de enunciado se uma voz não o tivesse enunciado, se uma superfície não registrasse seus signos, se ele não tivesse tomado corpo em um elemento sensível e se não tivesse deixado marca, apenas por alguns instantes – em uma memória ou em um espaço? [...]". O enunciado necessita dessa materialidade, pois ela é constitutiva do próprio enunciado que precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data.

Desse modo, a discussão sobre as condições de possibilidade do discurso, conceito fundamental na arqueologia foucaultiana, continua sendo reelaborada quando pensada nos contextos diversos contemporâneos. Venz (2022) examina como os arquivos digitais reconfiguram as condições de possibilidade dos discursos, demonstrando que as tecnologias atuais não apenas armazenam, mas também produzem novas formas de dispersão e regularidade enunciativa. Esta perspectiva permite compreender como o método arqueológico foucaultiano pode ser operacionalizado para análise das materialidades digitais. Em diálogo com a discussão que aqui empreendemos, Walters (2021) problematiza as condições de emergência da verdade no cenário atual, articulando o conceito foucaultiano de parrhesia com os desafios contemporâneos do dizer-verdadeiro. O autor evidencia como as relações entre verdade, poder e subjetividade se reconfiguram, estabelecendo novas condições para a produção e circulação dos discursos.

Face ao exposto, fica evidente a vitalidade do método arqueológico para compreender as condições que possibilitam a emergência e circulação dos enunciados, cuja leitura deve ser realizada pela exterioridade, sem perder de vista que importa, no ato da análise, estabelecer relações entre eles e o que descrevem na tentativa de compreender os exercícios de poder em jogo nessas relações.

SOBRE A DEMOCRACIA

A democracia é um regime político nascido na Grécia Antiga, simbolizada pela Ágora, o espaço público destinado a debates e discussões, que prezava pelos pilares da participação direta da população (referendos, plebiscitos etc) e de sua representação através do voto popular, sob a máxima de que "todo poder emana do povo". No campo dos Estudos discursivos, o conceito de democracia tem sido bastante debatido, especialmente em contextos que destacam o impacto das mudanças sociopolíticas contemporâneas. Pesquisas recentes, como as de Schäfer (2024), analisam a política retórica

antidemocrática e sua associação com discursos de exclusão, como a política homofobia, explorando a interação entre ideologia e práticas discursivas em contextos autoritários, como Indonésia e Turquia. Tais estudos reforçam que os discursos sobre democracia frequentemente revelam estratégias para consolidar políticas hegemônicas, tensionando o ideal democrático enquanto instrumento de inclusão e representatividade.

Além disso, o uso do populismo como ferramenta discursiva para mobilizar massas é outro aspecto relevante. Esen e Gumuscu (2023) examinam como líderes políticos utilizam temas étnico-religiosos e narrativas populistas para reconfigurar os limites do que é considerado democrático, especialmente em sistemas autoritários competitivos. Esses discursos evidenciam como o populismo não apenas desafia as estruturas democráticas tradicionais, mas também redefine os sentidos de confiança e pertencimento, marcando as dinâmicas de saber-poder no campo político global.

No caso específico do Brasil, ao longo do tempo, a democracia passou por inúmeros testes: sobreviveu a regimes autoritários, *impeachments* de presidentes, variadas mudanças de governo. Na década de 1980, assim como muitos países latino-americanos, o Brasil se desvencilhou de duas décadas de ditadura militar, promulgando, em 1988, a Constituição Cidadã, atual Carta Magna da nação, restituindo nosso Estado Democrático de Direito, com avanços de direitos e garantias individuais. Todavia, os efeitos da globalização, o escancaramento de casos de corrupção e sucessivas crises econômicas "reforçam propostas de viés autocráticos que questionam o próprio formato das sociedades e regimes democráticos" (AZEVEDO; LOURENÇO, 2023, p. 18) em diversos países, como no Brasil.

Esse cenário faz com que a percepção geral seja que o autoritarismo esteja em ascensão e a democracia em declínio, se não muito, levemente colocada de lado. O resultado disto é a elevação de lideranças com tendências variadas, seja de esquerda ou de direita, mas que comungam da mesma fonte: a lapidação da estrutura democrática. Tais figuras políticas fazem uso da própria democracia, através do voto popular, para chegarem ao poder e daí empreenderem seus esforços de cooptação de órgãos e instituições outrora independentes, o silenciamento ou "compra" dos demais poderes (Legislativo e Judiciário), críticas/perseguições contra imprensa livre e opositores vocais, agindo a serviço da destruição/erosão da democracia, numa espécie de efeito "cupim". Conforme Prior (2019, p.124 *apud* Seibt; Dannenberg (2021, p.4), "a crise das democracias representativas favorece o discurso simplista sobre a realidade social, baseando-se na vontade popular para alcançar o poder e para combater um inimigo do povo, geralmente identificado com a elite".

Silva (2020, p. 61) aponta que "o que se observa no Brasil atual são inúmeros grupos sociais raivosos, intolerantes, infantilizados, que cada vez mais preferem o grito ao argumento, a imposição ao

debate". Fica claro que o papel do diálogo, coração da democracia, é destruído por aqueles que, movidos pela pretensa liberdade de expressão, agridem o sistema democrático brasileiro.

O processo de erosão democrática, que também acomete o Brasil, desencadeia num cenário em que a ascensão de líderes políticos populistas, sob a máxima "o povo sou eu", utiliza da pretensa insatisfação popular para reagir contra o Estado, suas instituições e freios e contrapesos típicos da democracia representativa e liberal. Desse modo, como apontam Pereira Filho; Diógenes; Góes (2021), a subversão da ordem democrática de um país, nos tempos hodiernos, não acontece por meio de golpes de Estado ou intervenções militares (apesar de que em países africanos, por exemplo, esse modelo ainda acontece), mas sim através da alteração, lenta e sutil, dos processos e mecanismos democráticos, como a coaptação de poderes e instâncias fiscalizadoras do poder executivo. Aventuras políticas populistas também alimentam um espírito de polarização na sociedade na medida em que estimulam o "nós ou eles", "direita ou esquerda", "fascista ou comunista", simplificando questões sociais complexas a esse jogo de farpas ideológicas.

Vale destacar também o peso das redes sociais nesta equação. Em 2013, foram as redes sociais, ainda no advento da internet, que congregaram os manifestantes das chamadas Jornadas de junho, que despertou multidões contra o aumento das tarifas de ônibus, mas que uniram outras pautas como a denúncia contra a corrupção nos poderes públicos, servindo de lastro para os acontecimentos que surgiram no país nos anos seguintes. Hoje, as redes sociais se tornaram palco para as ofensas e críticas mais veementes contra a democracia brasileira, como também para conclamação de atos golpistas e claramente antidemocráticos realizados desde meados de 2019 e que culminaram na invasão e depredação das sedes dos Três Poderes em Brasília, no fatídico 8 de janeiro de 2023. Fica nítido, portanto, que as redes sociais, atualmente, se constituem como uma espécie de "nova ágora", ao passo que tomam a primazia do debate público, antes monopólio dos grandes conglomerados de mídia, servindo de esteio para lideranças políticas também construírem sua imagem e atrair eleitores, utilizando-se, muitas vezes, da desinformação e de ataques aos adversários.

Para o arremate da fundamentação teórica deste estudo, convém destacar que o estado da arte para este trabalho de análise do discursiva revela uma rica intersecção entre teoria e prática, especialmente no contexto político atual. As contribuições clássicas de Michel Foucault ainda fundamentam muitos dos debates contemporâneos, enquanto novas pesquisas ampliam nossa compreensão sobre as complexas relações entre discurso, poder e democracia. A investigação do discurso de Jair Bolsonaro não apenas ilustra essas dinâmicas, mas também destaca a importância da análise crítica em tempos de crescente polarização política.

Nessa perspectiva, cabe destacar o estudo de Limor Shifman *et al*. (2023) sobre o papel dos memes nas plataformas digitais, que oferece uma contribuição essencial para a análise do discurso contemporâneo, especialmente no contexto das redes sociais e sua influência na construção de narrativas políticas. Assim como em nosso texto que explora as condições de possibilidade do discurso e os regimes de verdade, o trabalho de Shifman *et al*. complementa a análise ao demonstrar como os memes funcionam como ferramentas discursivas que condensam e disseminam ideologias em formas simplificadas e facilmente compartilháveis. A obra de Shifman ressalta a importância de entender essas novas formas de comunicação digital para analisar os mecanismos contemporâneos de poder e verdade.

De igual modo, a análise de Stanley em *Como funciona o fascismo* (2018) é importante para a compreensão dos mecanismos discursivos utilizados em regimes autoritários e fascistas, oferecendo um ponto de interseção com a discussão foucaultiana de regimes de verdade presente no estudo. Stanley examina como líderes populistas e autoritários utilizam o discurso para polarizar a sociedade e construir narrativas de "nós contra eles", apelando para o medo e a insegurança coletiva. A conexão com a abordagem foucaultiana, aqui desenvolvida, está na forma como essas narrativas discursivas moldam a percepção do que é considerado verdadeiro, legitimando práticas autoritárias que justificam a repressão, a exclusão do "outro" e o controle social.

METODOLOGIA

O presente estudo do ponto de vista metodológico, configura-se como um estudo descritivo-interpretativo de natureza qualitativa, fundamentado método arqueológico foucaultiano. Essa abordagem possibilita analisar a emergência dos discursos como práticas que constroem sentidos e produzem relações de poder-saber em contextos históricos e sociais específicos (FOUCAULT, 2012). A análise descritivo-interpretativa da arqueologia foucaultiana não busca apenas descrever os enunciados e seus significados, mas interpretar as condições de possibilidade, não lineares, que tornam dados enunciados possíveis e legítimos em contextos discursivos que, às vezes, desafiam as narrativas históricas tradicionais (KRARUP, 2021). O método é particularmente relevante para o estudo de materialidades discursivas políticas, como os tweets de Jair Bolsonaro, uma vez que permite compreender a complexidade dos sentidos emergentes em situações de polarização política e crise democrática e seus efeitos históricos e ideológicos nos discursos (PALTRINIERI, 2021; VENZ, 2022).

Cumpre afirmar que o método arqueológico não se concentra apenas no nível da frase ou do texto, mas também considera o contexto social e histórico em que a linguagem é produzida e recebida. Trata-se de uma vertente de estudos mobilizada em diversos campos do conhecimento para analisar e

interpretar discursos e discutir questões relacionadas ao poder, ao saber e à verdade. Nessa direção, os dados primários deste estudo constituem-se dos tweets publicados pelo ex-presidente Jair Bolsonaro durante o período eleitoral de 2022, especificamente entre agosto e outubro, quando o debate político se intensificou no Brasil. Os dados secundários incluem estudos acadêmicos que discutem a relação entre discurso, política e democracia, com ênfase em análises que utilizam abordagens foucaultianas para investigar regimes de verdade e condições de possibilidade do discurso, a exemplo de Cândido Lourenço (2022), Walters (2021) e Schäfer (2024). Esses dados secundários complementam a análise ao oferecerem também uma base teórica e metodológica para interpretar os enunciados no contexto da comunicação política digital.

O levantamento de dados para a análise foi realizado pela coleta sistemática de tweets publicados por Jair Bolsonaro em seu perfil oficial no Twitter durante o período eleitoral de 2022. A coleta ocorreu entre agosto e outubro, abrangendo tanto o primeiro quanto o segundo turno das eleições. Inicialmente, foram utilizados critérios temáticos para selecionar postagens que abordassem diretamente o tema da democracia, bem como elementos enunciativos associados, como liberdade e oposição política. Este procedimento seguiu os padrões éticos da pesquisa em ambientes digitais, respeitando os limites de acessibilidade pública dos dados e garantindo que as postagens analisadas não violassem questões de privacidade (VENZ, 2022). Nesse sentido, optou-se por não analisar os comentários dos seguidores aos tweets. Além disso, a seleção temática considerou tanto a relevância das publicações para o debate político quanto sua representatividade no discurso do então presidente/candidato. O levantamento resultou em um *corpus* de vinte e oito tweets, dos quais, seis foram organizados em séries enunciativas para esta análise.

Os procedimentos de análise dos dados foram guiados pelos pressupostos teórico-metodológicos da arqueologia foucaultiana, considerando as regras implícitas que moldaram historicamente o conhecimento, o discurso e a dinâmica de poder para um dado campo da ação humana (VAN DER MERWE *et al*. 2023). Assim, o *corpus* foi organizado em duas séries enunciativas: a primeira, intitulada *Democracia e ataques à oposição,* se debruça acerca do discurso sobre democracia de Bolsonaro envolto em ataques exponenciais aos seus principais adversários políticos. A segunda série, denominada *Democracia e a defesa da liberdade,* destaca como o discurso referente à democracia está intimamente relacionado à defesa dos ideais de liberdade, sob diferentes ressignificações. Essa organização permitiu mapear a regularidade discursiva e identificar as formações discursivas que sustentam os sentidos produzidos. A análise envolveu a descrição das condições de emergência dos enunciados, considerando a relação entre o discurso e os jogos de poder que estruturam o campo político.

Além disso, a análise explorou as vontades de verdade que legitimam os enunciados de Bolsonaro como "verdadeiros" em sua formação discursiva, ao mesmo tempo em que excluem ou desqualificam discursos divergentes. Segundo Foucault (2019), a vontade de verdade opera como um mecanismo de controle discursivo, determinando quais enunciados podem circular e quais são silenciados ou marginalizados. Estudos recentes, como os de Paltrinieri (2021), Costa de Jesus e Silva (2023), Schäfer (2024) embasaram a interpretação dessas dinâmicas em contextos de comunicação digital, destacando os efeitos ideológicos e políticos da repetibilidade e da hipertextualidade nas plataformas sociais.

Por fim, a análise buscou mapear os efeitos de verdade produzidos pelos discursos de Bolsonaro, destacando como os sentidos de democracia são mobilizados para sustentar sua visão política e deslegitimar posições contrárias. Esse processo foi orientado pela noção foucaultiana de função enunciativa, que considera o discurso como um campo de relações e práticas que produzem sujeitos e objetos discursivos (FOUCAULT, 2012).

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O *corpus* da pesquisa é formado por publicações no *Twitter* (atual X) do ex-presidente da República Jair Bolsonaro no período que compreende a campanha eleitoral de 2022 e está dividido em duas séries enunciativas. Serão analisadas as publicações que circundam o eixo temático da democracia, observando as condições de possibilidade e as vontades de verdade manifestadas em tais dizeres.

Série enunciativa: democracia e ataques à oposição

> **Tweet 1**
> @jairbolsonaro
> Candidato à Presidência do Brasil
> É perda de tempo tentar retomar o velho teatro que condenou o nosso país a décadas de fracasso. Eu acabei com essa promiscuidade disfarçada de jogo democrático! Eu fiz o Alckmin parar de fingir que era oposição e assumir a paixão reprimida, o amor bandido pela hiena de 9 dedos (Twitter, 30/092022).

A publicação acima destacada, publicada no dia 30 de setembro de 2022, às vésperas do primeiro turno da eleição presidencial daquele ano, traz uma afirmativa de Jair Bolsonaro em que ele rechaça o "velho teatro que condenou o nosso país a décadas de fracasso", nitidamente fazendo referência às políticas adotadas pelos governos do PT, a quem ele se opõe, mas também ao PSDB, simbolizado pela

citação a Geraldo Alckmin, e que governou o país nos anos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002).

Ainda neste mesmo enunciado, o então presidente candidato se vangloria por ter acabado com o que ele chama de "promiscuidade disfarçada de jogo democrático", possivelmente fazendo memória à união entre o então candidato presidencial Luiz Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin (um dos mais antigos e proeminentes quadros do PSDB, que rivalizou com o PT em muitos pleitos) na composição da chapa que sairia vencedora das urnas naquele pleito. Portanto, é importante perceber que a condição que potencializou a emergência do enunciado sob escrutínio foi a aliança entre Lula e Alckmin, dois nomes políticos relevantes para os seus partidos (PT e PSDB, respectivamente), que segundo a perspectiva de Bolsonaro, representam a velha guarda da política brasileira. Essa oposição entre Lula e Bolsonaro e o que cada um deles representa politicamente ativa outros enunciados já proferidos anteriormente pelo próprio ex-presidente e seus apoiadores, agora incluindo Alckmin como mais um representante dessa suposta "velha" política a ser combatida por ter se aliado ao candidato petista, pois a memória discursiva trabalha com as lacunas e os desmantelamentos das regularidades discursivas que se instauram e desconstroem à medida que os discursos são resgatados/ressignificados no momento em que emergem (CAMARGO, 2019).

Há que se notar também a aproximação que se faz entre democracia (apresentada linguisticamente no enunciado como jogo democrático) e promiscuidade. Ao tratar a aliança entre Lula e Alckmin como promiscuidade política, o sujeito enunciador credita à democracia o lugar de disfarce, fachada para oportunizar a manutenção de tais figuras políticas de proa no PT e PSDB, especialmente, que rivalizaram e revezaram o comando do Palácio do Planalto durante as eleições presidenciais pré-2018. Assim, o que Bolsonaro enuncia a seus eleitores se inscreve em um regime de verdade que produz certos sentidos como o de que a "velha política" tem condenado o Brasil ao fracasso.

Evidenciar as estratégias discursivas presentes neste enunciado passa, especialmente, pela análise do léxico empregado. A desqualificação da oposição (título desta série enunciativa) se dá, por exemplo, nas escolhas vocabulares para se referir a Lula, candidato do PT: *bandido, hiena.* Ao lado disso, o olhar de escárnio para a característica física da falta de um dedo de seu opositor. Somado a isto, o tom de ofensa/desqualificação da oposição se materializa ainda nos jogos de sentidos que entrelaçam política e sexualidade: Alckmin teria uma paixão enrustida por Lula, amaria o "bandido" em segredo.

A derivação de sentidos desse conjunto de elementos, da ordem da língua, mobilizados: *promiscuidade, assumir, paixão reprimida, amor bandido*, passa a inscrever a relação Lula-Alckmin no campo da sexualidade. Esta estratégia enunciativa atua, discursivamente, desqualificando a posição dos dois adversários, cuja aliança política se assemelha a um relacionamento amoroso desajustado. Assim,

emerge um sentido de democracia que seria sinônimo de desordem, tal qual uma relação promíscua. Na perspectiva de uma análise discursiva arqueológica precisamos observar, pelas condições de existência do enunciado, seus efeitos de verdade. Ou seja, o modo como ele surge em detrimento de outros que são excluídos, rejeitados e tidos como falsos em determinados momentos. Isso se materializa, na sequência em análise, no uso assertivo da primeira pessoa verbal: "Eu acabei"; "Eu fiz". Aqui, o posicionamento discursivo autorreferente do sujeito atua para elevá-lo à condição de protagonista da cena política, que desnuda as artimanhas de políticos oportunistas/promíscuos.

Nessa direção, Bolsonaro se apresenta como um personagem diferente, a novidade/renovação na política brasileira (apesar de seus 27 anos como Deputado Federal) tal como em 2018, desejada pela maioria dos eleitores naquele pleito, o único capaz de salvar o país dessa suposta "promiscuidade" política. Além disso, ao se considerar responsável pela união de figuras políticas antes adversárias, mas que segundo ele, nutriam uma "paixão reprimida", Bolsonaro parece desconhecer que a natureza da política são as alianças que se fazem em torno de projetos, reunindo, muitas vezes, outrora adversários, mas não inimigos.

Tweet 2
@jairbolsonaro
Candidato à Presidência do Brasil
Defender a democracia é louvável, só que a esquerda transformou isso em salvo-conduto de corrupto. "Apesar de ladrão, defende a democracia". O problema é que a corrupção é justamente um dos maiores atentados contra a democracia, já que a vítima é o seu principal pilar: o povo (Twitter, 06/10/2022)

Uma das principais bandeiras da campanha vitoriosa de Jair Bolsonaro em 2018 foi a da anticorrupção. Simbolizada pela adesão de Sérgio Moro, ex-juiz da Lava-Jato, ao governo eleito naquele pleito, Bolsonaro se contrapunha aos escândalos de corrupção que levaram empresas e políticos aos holofotes da Justiça e da mídia.

Neste segundo enunciado, Bolsonaro retoma o discurso anticorrupção, que na prática foi pouco efetivo em seu governo, para questionar a candidatura de Lula (PT), a quem se refere como "ladrão", argumentando que a corrupção, simbolizada pelo candidato petista, é um dos maiores males que afetam a democracia brasileira. Tal discurso é uma confirmação de uma crença, um tanto equivocada, de que basta combater a corrupção no país para se ter uma democracia forte e vibrante, desconsiderando outros tantos fatores que determinam o bom desempenho do regime democrático. Portanto, é de grande relevância compreendermos que uma das condições de possibilidade deste discurso é justamente a rivalidade entre Lula e Bolsonaro a partir daquilo que, para cada um deles, o adversário carrega como negativo e que pode/deve ser explorado politicamente: enquanto o candidato petista se apresenta como o

defensor da democracia brasileira para se contrapor a Bolsonaro (constantemente taxado pela esquerda como antidemocrático), este último se apossa da bandeira da anticorrupção (de forte apelo popular) para atacar o opositor. Além disso, tais enunciados foram possibilitados pela crise política alavancada com o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff em 2016, a emergência do discurso da anticorrupção que associava a figura do Partido dos Trabalhadores (PT) a toda origem dos escândalos políticos à época e a ascensão de políticos autodenominados "outsiders", supostamente capazes de salvar o Brasil da crise política e econômica em que se encontrava.

Diante do exposto, concordamos, ao analisar a historicidade das coisas ditas nas postagens do então presidente, que não devemos buscar sua natureza, ou seja, a história de uma consciência individual e um sistema de intenções, mas percebermos que os sentidos estarão sempre atrelados ao exercício de uma função enunciativa. Desse modo, "[...] 'não importa quem fala', mas que aquilo que é dito não é dito de qualquer lugar" (FOUCAULT, 2012, p.139). Ou seja, a ideia fácil de combate à corrupção como sinônimo de democracia é repetidamente retomada, principalmente, nos discursos mais alinhados à direita do espectro político. O seu atravessamento no post em análise assegura a relação do discurso a uma exterioridade (FOUCAULT, 2012). Isto é, Bolsonaro, através de seu perfil no *Twitter,* enuncia a presença, explícita ou não, de outras posições discursivas constituindo o seu lugar de presidente/candidato à reeleição.

Desse modo, observamos ainda que o sentido de democracia identificado neste enunciado está intrinsecamente ligado à ideia de povo, colocada pelo sujeito enunciador como "principal pilar" da democracia e "vítima" da corrupção. Assim, aciona a máxima de que "todo poder emana do povo", presente na Constituição Federal de 1988 e adotada pela formação discursiva do bolsonarismo. Semanticamente, o povo expressa a noção de coletividade e é costumeiramente utilizado por Bolsonaro para legitimar as ações adotadas e defendidas pelo seu governo, findo em 2022. Trata-se também de uma posição seletiva do enunciador, ao considerar o povo como apenas aquela parcela da sociedade que elegeu Bolsonaro em 2018, comunga e defende as suas bandeiras e apoiou a sua reeleição em 2022. Vê-se, portanto, o funcionamento da função enunciativa (FOUCAULT, 2012), isto é, as posições que o sujeito ocupa ao enunciar, ou seja, a forma de relacionamento de seus dizeres com a exterioridade.

Irrompe-se, portanto, a vontade da verdade acerca da ideia de povo, posta na maquinaria do poder, que legitima as verdades que convém a quem detém esse poder de dizê-las para quem e como aprouver (FOUCAULT, 2019), no caso em questão, Bolsonaro. É fato que a democracia, mesmo em sistemas representativos como o nosso, pressupõe a participação popular efetiva, quer seja na escolha dos seus representantes, como também nos movimentos e ações reivindicatórias por melhorias sociais. Mas não é o único bastião da democracia. O Estado Democrático de Direito só é possível com as

garantias dadas pela Constituição Federal e o pleno funcionamento dos Três Poderes da República e demais instituições.

O discurso “apesar de ladrão, defende a democracia” é apregoado nas bases bolsonaristas como sendo a concessão defendida pela esquerda política para a candidatura de Lula, que contou, segundo a formação ideológica do bolsonarismo, com a colaboração do Supremo Tribunal Federal (STF), que anulou as condenações do líder petista para derrotar Bolsonaro em 2022. Desse modo, a leitura do enunciado/post nos apresenta um sentido dicotômico em torno da noção de democracia: enquanto para o sujeito que enuncia remeteria a povo, para seus adversários políticos (a esquerda), democracia seria sinônimo de corrupção.

Tal como no tweet 1, o sujeito enunciador não se refere a Lula nominalmente, mas utiliza de adjetivos e expressões pejorativas para fazer referência ao atual presidente da República (hiena de nove dedos, corrupto, ladrão). Trata-se de uma estratégia discursiva, se considerarmos o discurso político como marcado pelas expectativas e ideologia do público eleitor e o estilo de comunicação adotado por Bolsonaro, baseado na vociferação contra os opositores, especialmente nos discursos veiculados nas redes sociais (SANTOS *et al.*, 2020). A ode à virulência contra seus opositores é uma regularidade enunciativa nos discursos do ex-presidente, como podemos observar nos enunciados que formam esta série.

Portanto, a análise discursiva das declarações de Jair Bolsonaro no Twitter revela uma tensão central na construção dos sentidos de democracia. Tal construção mobiliza um discurso que, ao mesmo tempo em que invoca valores democráticos, atua para subvertê-los, alinhando-se a práticas discursivas autoritárias e estratégias características do contexto da pós-verdade. Como observado por Maldonado (2023), a pós-verdade não apenas questiona os critérios epistemológicos tradicionais, mas também transforma o espaço público em um terreno de disputa simbólica no qual a fragmentação da verdade factual legítima narrativas polarizadoras e maniqueístas.

A desconfiança que permeia a democracia moderna, como destacada por Cândido Lourenço (2022), reflete a complexidade de uma prática discursiva marcada por divergência entre o ideal democrático e suas materializações concretas. Esse quadro é evidenciado pela polarização política e pela crescente deslegitimação das instituições fundamentais, que, em última instância, podem comprometer o próprio projeto democrático. A análise aqui proposta dialoga com essa perspectiva ao explorar como tais discursos de desconfiança se articulam e se consolidam em práticas sociais e narrativas midiáticas contemporâneas, revelando as condições de possibilidade para o surgimento de novos posicionamentos subjetivos diante do poder e do saber.

No caso brasileiro, essas práticas ganham um contorno particular, inserindo-se em uma conjuntura global de crise democrática. Estudos recentes, como os de Schäfer (2024) e Esen e Gumuscu (2023), destacam que líderes autoritários utilizam as plataformas digitais como instrumentos estratégicos para consolidar hegemonias discursivas, explorando sentimentos de desconfiança nas instituições tradicionais. Bolsonaro, por sua vez, recorre à repetição de enunciados que naturalizam conflitos institucionais e desqualificam adversários políticos, configurando um campo discursivo marcado pela ausência de consenso e pela legitimação do antagonismo como princípio democrático. Essa abordagem discursiva, ao tematizar os sentidos de democracia, conecta-se às características internacionais, evidenciando que as crises democráticas acionam redes complexas de significados que transcendem fronteiras territoriais.

Série enunciativa: democracia e a defesa da liberdade

> **Tweet 3**
> @jairbolsonaro ·
> Meu obrigado a Donald Trump pelo apoio! Sinto orgulho por ver que nosso trabalho por um Brasil mais seguro e mais livre é respeitado no mundo todo e que, hoje, contamos com o apoio de nações democráticas e não de ditaduras socialistas como no passado. Que a liberdade prevaleça! (Twitter, 29/10/2022).

Este terceiro enunciado apresenta um agradecimento de Jair Bolsonaro a um vídeo do ex-presidente dos EUA, Donald Trump, em que ele declara apoio à reeleição do então mandatário brasileiro, sendo, então, o acontecimento da realidade social que permitiu a ocorrência deste discurso. A afinidade ideológica intensa entre Trump e Bolsonaro e o ideal dos EUA como nação exemplar permeou todo o mandato de Bolsonaro, que só arrefeceu com a eleição e posse do democrata Joe Biden em 2021, evidenciando, portanto, a regularidade discursiva presente neste tipo de enunciado.

No enunciado em análise, Bolsonaro parece desconhecer a representatividade institucional dos EUA, uma vez que, em 2022, Trump já não era mais presidente, logo, não representava a nação americana. O vídeo em questão, portanto, se tratava de um aliado ideológico externo, que servia de inspiração para a postura política do ex-presidente brasileiro. Bolsonaro ainda se utiliza do apoio explicitado por Trump para se contrapor ao petismo, tomando para si o que chama de "apoio de nações democráticas" (no caso em vista, os EUA, mas poderíamos também incluir Israel) e rechaçando o apoio outrora dado aos candidatos do PT por "ditaduras socialistas", principalmente Cuba e Venezuela, uma regularidade discursiva do bolsonarismo no que tange às relações internacionais e que aciona a memória do anticomunismo instaurada no país momentos antes do golpe civil-militar de 1964.

A interdição como procedimento de controle/exclusão do discurso é apontada por Foucault (2019) sob a máxima de que "não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa" (p.9). Desse modo, no enunciado em questão, ao dizer que a esquerda era apoiada por ditaduras socialistas, silencia-se (interdita) que seu governo/o próprio Bolsonaro são simpáticos a nações cujos regimes estão distantes de serem democráticos, como Rússia, Hungria e Arábia Saudita.

O sujeito enunciador liga os governos do PT (Lula e Dilma) a ditaduras socialistas como sendo apenas este tipo de relação internacional estabelecido pelos governos petistas. Torna-se, portanto, um artifício/estratégia discursiva para se contrapor ao chamado lulopetismo, enquanto que apenas ele estaria, de fato, estabelecendo relações com países genuinamente democráticos. Sob este prisma, constatamos a validade do pensamento foucaultiano de que não há verdade absoluta, mas que estas "não são apenas modificáveis, mas estão em perpétuo deslocamento" (FOUCAULT, 2019, p.14), servindo, neste caso, para colher resultados eleitorais no pleito que se avizinhava.

Deste fito, o sentido de democracia erguido neste enunciado está atrelado à perspectiva democrática compartilhada por diversas lideranças de extrema-direita ou da direita convencional que consideram a democracia como o regime político baseado no liberalismo econômico e na total liberdade dos cidadãos em oposição à ditadura comunista. O sujeito enunciador ainda se orgulha pelo "trabalho por um Brasil mais seguro e mais livre" reconhecido "pelo mundo todo". Aqui, mais uma vez, Bolsonaro traz à tona duas marcas recorrentes em seu discurso político: a segurança/combate à criminalidade e a defesa da liberdade como credenciais que valorizam o Brasil na comunidade internacional, notadamente em países governados por líderes que mantinham afinidade ideológica com o então presidente brasileiro. Podemos, ainda, verificar na análise do enunciado 3, que o discurso, nos mostra Foucault (2012), desde seu aparecimento coloca em evidência a questão do poder, pois é, antes de tudo o objeto de lutas políticas.

Tweet 4
@jairbolsonaro ·
Replying to @jairbolsonaro
Não ampliar o número de ministros do Supremo Tribunal Federal; indicar ministros comprometidos com a Proteção da Vida desde a concepção e a Liberdade; e respeitar a independência entre os poderes e a Constituição Federal, a nossa Carta da Democracia (Twitter, 29/10/2022).

Neste quarto enunciado sob escrutínio, o então presidente-candidato Jair Bolsonaro apresenta algumas promessas (uma espécie de pacto com a sociedade) a serem cumpridas se reeleito. Em sua toada referente ao Supremo Tribunal Federal (STF), a quem rivalizou ao longo de seu mandato,

Bolsonaro se compromete a "indicar ministros comprometidos com a Proteção da Vida desde a concepção e a Liberdade", ou seja, ministros que tenham uma opinião contrária ao aborto e que garantam todas as liberdades possíveis (com exceção, por exemplo, da liberdade das mulheres e da comunidade LGBTQIAP+), mesmo quando estas se contraponham ao direito coletivo, que foi a queixa mais frequente de Bolsonaro às decisões dos ministros do STF. As semelhanças estruturais deste enunciado com uma espécie de pacto têm sua razão de ser, pois em agosto de 2022, intelectuais, artistas, políticos e indivíduos das mais diversas esferas da sociedade civil, assinaram e divulgaram uma carta/manifesto em defesa da democracia nas arcadas da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), aos moldes do que semelhantemente havia sido realizado nos tempos da ditadura militar. Esse acontecimento da realidade social pode ser considerado como uma condição que possibilitou este enunciado, pois o sujeito enunciador se sentiu alvo, ainda que indiretamente, dessa ação civil em 2022. Aqui, portanto, podemos observar a oposição a este enunciado da carta da USP, pois todos enunciado está dentro de um domínio associado, por onde se instaura um "conjunto das formulações a que o enunciado se refere seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas (...)" (FOUCAULT, 2012, p.119-120).

O sujeito enunciador eleva as convicções ideológicas como crivo importante para as indicações ao STF, quando a Constituição Federal de 1988 preconiza o notável saber jurídico e a conduta ilibada como algumas das condições necessárias para indicações à Suprema Corte do Brasil. Este discurso encontra eco quando da indicação de André Mendonça ao STF. Para além das condições constitucionais, importava ao então presidente Bolsonaro indicar um ministro "terrivelmente evangélico", isto é, que tomasse decisões à luz de suas crenças pessoais, sob o prisma da religião evangélica, num claro aceno a esse grupo. Percebemos, desse modo, como aponta Silva (2022, p.14), que "a memória discursiva será capaz de ativar na história outros momentos em que um determinado discurso já foi proferido" e, como faz o sujeito do enunciado, moldar esse discurso na atualidade em que discursiviza, pois todo enunciado reclama um outro, dentro de um campo de coexistências, onde os efeitos de sentidos também são estabelecidos (FOUCAULT, 2012).

Ainda nesta publicação, Bolsonaro comenta sobre o respeito à independência entre os poderes da República e a Constituição Federal. O então presidente sempre questionava a violação da harmonia entre os poderes constituídos, especialmente quando decisões do STF, por exemplo, anulavam medidas adotadas por seu governo, muitas vezes, afrontosas à Constituição de 1988. Vale ressaltar, por exemplo, que foi o STF que destinou aos estados e municípios a autoridade para adoção de medidas de combate à pandemia de Covid-19 em detrimento da inação do Governo Federal, e também foi este mesmo tribunal que avançou em investigações que atingiram muitos aliados do então presidente da República, casos que

inflamaram a relação entre os dois poderes. Há que se destacar que todos esses elementos retomados integram as condições de possibilidade do enunciado sob análise, visto que o discurso emerge a partir de uma teia de episódios de cunho histórico-social e está sempre envolto numa série ou conjunto de enunciados por meio dos quais se alicerça, retoma, reformula ou anula, a partir do estabelecimento da verdade que se deseja (FOUCAULT, 2012).

Dessa maneira, o sentido de democracia expresso nos dizeres sob análise está atrelado à maneira como o sujeito enunciador entende a formação e a atuação do STF. Assim, indicações por caráter ideológico assumem maior peso do que as condições dadas pela Constituição e o espaço de atuação dos ministros não pode atingir os demais poderes, por supostamente infringir a independência entre eles. Trata-se de uma estratégia discursiva compartilhada entre os líderes com tendências autocráticas, à esquerda ou à direita, que na verdade esconde o desejo de cooptar essas instituições (no caso, o Judiciário), uma vez que estas "podem servir aos objetivos do aspirante a ditador, protegendo o governo de investigações e processos criminais que possam levar ao seu afastamento do poder" (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, p. 81). Daí, podemos compreender a promessa de Bolsonaro de "não ampliar o número de ministros do Supremo Tribunal Federal" como uma tentativa de silenciar os sentidos ligados a esse desejo de viés autoritário.

Assim, análise dos tweets 3 e 4 da série enunciativa evidencia uma articulação discursiva que conecta os valores democráticos ao conceito de liberdade individual. No tweet 3, ao mesmo tempo em que invoca a defesa da liberdade como um princípio essencial da democracia, Bolsonaro desloca a centralidade das instituições democráticas para uma dimensão individualista. Esse movimento discursivo reforça a noção de que a democracia se realiza principalmente na garantia das liberdades pessoais, e não necessariamente no fortalecimento dos mecanismos institucionais que sustentam o regime democrático. No tweet 4, essa relação entre liberdade e democracia é intensificada pela utilização de marcadores linguísticos que enfatizam a oposição entre "nós" e "eles", demarcando uma polarização entre defensores da liberdade e seus supostos detratores. Essa construção binária legitima o antagonismo como elemento constitutivo do espaço público, ao mesmo tempo em que alude a uma ameaça constante às liberdades individuais, representadas por forças externas, frequentemente identificadas como elites ou adversários políticos. Tal estrutura discursiva reflete o que Maldonado (2023) define como a instrumentalização da pós-verdade, na qual enunciados polarizadores reconfiguram o sentido de democracia ao deslocarem o foco das instituições para o campo das emoções e das percepções subjetivas.

Dessa maneira, os tweets analisados operam estrategicamente na construção discursiva que posiciona Bolsonaro como o guardião da liberdade, um valor adquirido como sinônimos de democracia.

No entanto, essa estratégia também oculta a deslegitimação discursiva de elementos institucionais essenciais à democracia liberal, como a pluralidade e o equilíbrio entre os poderes. Nesse sentido, os enunciados não apenas ressignificam os sentidos de democracia, mas também modificados para reforçar narrativas alinhadas às crises democráticas globais, articulando práticas discursivas que, como apontadas por Schäfer (2024), consolidam lideranças autoritárias em contextos de fragmentação institucional e polarização.

Tweet 5
@jairbolsonaro
Candidato à Presidência do Brasil
"Não tenhas medo, porque eu estou contigo" Isaías 41:10
A força de vontade dos que querem destruir a liberdade em nosso país é grande, mas jamais será maior do que a determinação e a coragem daqueles que estão dispostos a protegê-la de todo o mal!
Bom dia a todos! BR (Twitter, 21/10/2022) ·

Neste terceiro enunciado da série, Bolsonaro se ancora no discurso religioso (citação a Isaías, profeta do Antigo Testamento), tônica presente em suas campanhas eleitorais, para se apresentar como o candidato que possui uma missão divina: imbuído de coragem e destemor, impedir que as "forças do mal" (o PT, principalmente) destruam a liberdade no Brasil. Vê-se que se trata de uma estratégia discursiva que vai ao encontro do seu público eleitor, especialmente de cunho evangélico, numa espécie de mensagem motivacional, típica das que circulam em grupos de *WhatsApp* formados por familiares ou amigos.

O discurso religioso cristão está presente no discurso político de Bolsonaro desde a campanha eleitoral de 2018. A citação bíblica de João 8, 32: *"Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará"*, se tornou um discurso comum na formação discursiva do bolsonarismo, sinalizando, muitas vezes, que Bolsonaro, pela vontade de fazer o bem e de combater a desonestidade, faria o Brasil uma grande nação, libertando-a de um passado de máculas e erros. Também temos o lema da campanha de 2018: *"Brasil acima de tudo, Deus acima de todos"*, denotando o patriotismo e a fé em Deus, num país majoritariamente cristão, como sustentáculos de seu projeto eleitoral.

Novamente, a ideia de liberdade, um dos princípios democráticos, é trazida/entendida por Bolsonaro em sua cruzada discursiva como um bem maior, a quem se deve despender de todas as formas para sua proteção. Desse modo, se acentua a dualidade entre bem e mal, marca do discurso religioso, que é transportada para o discurso político do sujeito enunciador, evidenciando os contrastes: enquanto o bem procura proteger a liberdade, o mal busca destruí-la; enquanto Bolsonaro e seus eleitores (também evangélicos) se colocam como os protetores da liberdade, o PT, Lula e aliados podem

ser vistos como as “forças do mal”; os supostos detratores da liberdade agiriam por força de vontade, enquanto que Bolsonaro e os seus atuariam com determinação e coragem dadas por Deus. A ideia de que “a democracia está sendo atacada pelas elites, mas nós resistimos em nome da liberdade do povo”, subjacente ao tweet, opera dentro de uma lógica binária que separa elites e povo, posicionando o líder político como defensor da "verdadeira" democracia. Essa construção discursiva encontra eco no que Stanley (2018) define como uma das estratégias do fascismo: a polarização como ferramenta de controle narrativo, onde a dicotomia "nós" contra "eles" é usada para prescrição práticas políticas que restringem direitos sob o pretexto de preservá-los.

Além disso, este enunciado em análise constitui parte do domínio associado em que se inscreve o discurso religioso presente na formação discursiva do bolsonarismo, posto que está relacionado a enunciados anteriores e posteriores, mantendo uma relação temática, lexical, estrutural, como uma constelação discursiva. Isto significa dizer que o discurso em questão é compartilhado, reatualizado e dito por outros tantos sujeitos, de modo que não podemos afirmar que ele seja novo ou original, mas que reclama outros já-ditos e que atende ao desejo e ao poder que instituem uma vontade de verdade. Desde a campanha eleitoral de 2018, para não irmos muito longe, Bolsonaro, lideranças políticas conservadoras e evangélicas, principalmente, já enunciavam discursos colocando em simbiose política e religião, levando os combates da esfera político-eleitoral à arena da fé e conseguindo mobilizar os sentimentos de grande parcela da população brasileira, que vale repetir, é, em sua maioria, cristã. Portanto, a adesão ao discurso religioso de cunho evangélico entre a sociedade brasileira possibilitou a emergência do discurso ora analisado.

Quando trata da relação de pós-verdade com os ambientes virtuais, Kwok, *et al.* (2021) demonstram como a desinformação pela manipulação da linguagem explora sentidos que não apenas distorcem os regimes de verdade, mas também reorganizam as relações de poder em tempos de crise. Essa perspectiva é reforçada por Capilla (2021) ao analisar como o jornalismo convencional contemporâneo, face ao fenômeno da pós-verdade, transita de um modelo centrado na objetividade para outro em que os interesses e ideológicos ocupam o centro da produção discursiva. Essa de paradigma é essencial para compreender as declarações de Jair Bolsonaro no Twitter, pois evidencia a operação de discursos que mobilizam sentidos estratégicos de democracia enquanto reiteram a polarização política. Nesse contexto, as narrativas bolsonaristas não apenas constroem um ideal de democracia alinhado a uma visão autoritária e populista, mas também se apropriam da lógica da pós-verdade como instrumento de legitimação discursiva. Essa legitimação não ocorre somente por meio da reafirmação de valores conservadores, mas também ao articular elementos de desconfiança em relação às instituições

democráticas e à mídia tradicional, configurando um dispositivo discursivo que redefine o espaço público como arena de disputa entre regimes de verdade em conflito.

Assim, o conceito de liberdade é algo instrumentalizado, político, não absoluto. Para Bolsonaro, a liberdade é condição *sine qua non* para a plena democracia. À luz de seus discursos, compreendemos que ele a enxerga como sinônimo de não interferência na vida das pessoas, seja no seu direito de ir e vir (liberdade de reunião), muito apregoada durante o período de isolamento na pandemia, como também a liberdade de expressão, considerando que o bolsonarismo é um movimento político afeito às redes sociais, mas que destila por meio delas os chamados "discursos de ódio". É importante destacar que o discurso do sujeito enunciador não se preocupa, por exemplo, com as liberdades das pessoas LGBTQIAPN+ ou com os direitos reprodutivos das mulheres, mas sim com aqueles identificados ideologicamente com sua posição política mais conservadora. Além disso, não são todos os tipos de liberdade que ganham ênfase em seu discurso: a liberdade de expressão, como dito, talvez seja aquela que recebe maior destaque em seus enunciados. Destarte, o sujeito do discurso defende a liberdade sem impedimentos ou obrigações para os seus.

Isso posto, na análise enunciativa das materialidades ora mobilizadas, a construção dos sentidos é condicionada por estratégias discursivas que moldam os sentidos em torno de temas socialmente sensíveis. Conforme evidenciado por (COSTA DE JESUS; SILVA, 2023), as estratégias discursivas não apenas delimitam as possibilidades de enunciação, mas também articulam regimes de verdade que vinculam os sujeitos a uma rede de saber-poder. A análise desses dispositivos contribui para compreender as condições de possibilidade de emergência de discursos contemporâneos que instituem verdades e ressignificam noções como democracia e política.

Tweet 6
@jairbolsonaro
Hoje, mais do que nunca, pudemos assistir e sentir o despertar do patriotismo e do profundo amor pelo Brasil. As ruas foram tomadas pelas cores de nossa linda bandeira e nosso glorioso hino nacional foi cantado por milhões de homens e mulheres, de todas idades, classes e cores (Twitter, 07/09/2022).

No enunciado do tweet 6, o ex-presidente/candidato Jair Bolsonaro comenta acerca das manifestações realizadas em várias cidades brasileiras em alusão ao dia 7 de setembro de 2022, em que se celebrava os 200 anos de Independência do Brasil. Em tom de euforia, o sujeito enunciador comemora a participação popular nas ruas, por meio da qual, segundo ele, pode-se "assistir e sentir o despertar do patriotismo e do profundo amor pelo Brasil". Mais uma vez, Bolsonaro recorre ao patriotismo e ao sentimento de amor pelo Brasil (nacionalismo exacerbado) como sendo predicados sustentados apenas pelo seu grupo de apoio/eleitores. Isso fica evidente no enunciado quando se afirma

que as ruas foram tomadas por pessoas vestidas com a camisa da Seleção Brasileira nas cores da bandeira nacional (verde e amarelo) e que cantavam o hino nacional, símbolos pátrios, mobilizados politicamente pelo bolsonarismo como elementos identificadores de seu grupo político, assim como a própria data cívica do 7 de setembro, servindo, vale destacar, aos interesses políticos-eleitorais de Bolsonaro, à época, em campanha pela reeleição.

Diante do exposto, podemos observar o funcionamento de uma vontade de verdade presente no post do ex-presidente que, como bem aponta Domingos (2020, p.16), "é um sistema que se funda naqueles tipos de discursos que funcionam como verdadeiros em detrimento de outros tidos como falsos''. O discurso verdadeiro, apresentado no enunciado ora analisado, é as manifestações alusivas ao 7 de Setembro de 2022, organizadas por eleitores e simpatizantes do então presidente, como atestado do sentimento patriótico e amor pelo Brasil. Se a vontade de verdade se apresenta a partir da exclusão de um outro discurso, considerado falso, logo, há uma interdição/silenciamento neste enunciado, por exemplo, de outras manifestações públicas alusivas à mesma data nacional que até, talvez, tivessem conotação opositora ao governo/presidente de então.

O sentido de democracia que emerge neste enunciado passa pela ideia que a referência às ruas representa: espaço democrático, palco de grandes movimentações sociais como as Diretas Já e as jornadas de 2013, as ruas das grandes cidades/metrópoles do Brasil se tornam palco das insatisfações populares e dos anseios mais latentes da sociedade brasileira. Esse contato com diferentes enunciados que fazem alusão ao espaço da rua (lugar público para exercício da democracia) só é possível graças ao acúmulo do enunciado, que tem a ver com a existência de uma memória constitutiva dos enunciados, pois, nos diz Foucault (2012, p.119-120), "não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados''. Esse acúmulo passa não só por enunciados pretéritos de outros sujeitos que trazem à rua para a materialidade discursiva, mas também fazem conexão com outros enunciados do próprio ex-presidente onde há manifestação referente às mobilizações populares de seus eleitores. Ao afirmar que as ruas foram tomadas pelos supostos verdadeiros "patriotas", o sujeito enunciador, se munindo de um claro exagero, articula sua estratégia discursiva para evidenciar que possui o apoio maciço da sociedade brasileira. Não se trata de um artifício discursivo novo, visto que Bolsonaro já enunciava uma espécie de "DataPovo", quando pesquisas de opinião o colocavam atrás de Lula na disputa pelo Planalto, se munindo de imagens com grandes massas de apoiadores para se contrapor e desacreditar os institutos de pesquisa.

Ao evidenciar que homens e mulheres "de todas as idades, classes e cores" participavam, em espírito cívico, das manifestações de 7 de setembro de 2022, o sujeito enunciador parece querer passar a imagem de nação, a totalidade do povo brasileiro, Todavia, pela própria descrição de como estavam

vestidos e se portavam nas ruas, percebe-se que esses manifestantes se identificavam com o bolsonarismo e não com outras correntes e partidos políticos, como o PT, principal adversário de Bolsonaro. Logo, não representariam a pluralidade absoluta dos brasileiros. Tal constatação evidencia os efeitos desse sequestro dos símbolos nacionais, que deveriam servir como identificadores do povo brasileiro como um todo e não a determinados segmentos políticos, contudo, como se percebe, são utilizados como artifícios de uma vontade de verdade, a saber: que os "verdadeiros" brasileiros são aqueles que vão para as ruas vestidos com as cores da bandeira nacional, cantando o hino e que compartilham do mesmo sentimento para com o Brasil.

Todavia, é importante observar que não há menção explícita à democracia neste enunciado. Todavia, pode-se reconstituir a rede de sentidos que se ligam ao conceito dentro de um domínio associado: neste caso, democracia se liga a "ser patriota", "usar as cores da bandeira", "cantar o hino nacional". Tudo isso poderia sintetizar, nos dizeres do sujeito discursivo, um "profundo amor pelo Brasil". Face ao exposto, o sentido de democracia possibilitado neste discurso está concentrado nessa margem povoada de outros enunciados (FOUCAULT, 2012) que circundam o patriotismo/nacionalismo, reforçam e atualizam a vontade de verdade de onde o sujeito enuncia. Ademais, pode estar associado também à ideia de povo, conforme o enunciado, "de todas as idades, classes e cores".

Vemos na análise do enunciado que, por um lado, a narrativa beligerante se intensifica ao trazer a figura da massa unida, "mais do que nunca", saudando coletivamente elementos pátrios, reforçando o apelo a um nacionalismo que protege a democracia de forças desestabilizadoras. Esse discurso dialoga com as ideias discutidas por Schäfer (2024), que observa como governos populistas utilizam retóricas de ameaça para mobilizar um apoio político baseado no medo e na exclusão, em detrimento de um discurso democrático inclusivo. Por outro lado, a análise também nos dar a ver o papel crucial das plataformas digitais na disseminação desses discursos. Sobre isso, Shifman, Scharlach e Hallinan (2023), ao discutirem os valores articulados nas políticas de plataformas de mídia social, mostram como essas empresas são agentes ativos na amplificação de narrativas autoritárias, seja pela ausência de moderação adequada ou pelo incentivo ao engajamento emocional em conteúdos polarizadores. Nesse contexto, a veiculação de mensagens no Twitter pelos líderes políticos, como observado por Seibt e Dannenberg (2021), no caso das declarações de Bolsonaro, demonstra que as plataformas não são apenas meios de comunicação, mas espaços onde as estratégias discursivas autoritárias são moldadas e amplificadas, em geral, vocalizadas em formulações simplistas sobre a realidade social.

Além disso, os tweets sob escrutínio expõem ainda uma relação com as condições de possibilidade do discurso político na contemporaneidade, conforme discutido por Venz (2022). No ambiente digital, os arquivos virtuais e as plataformas de redes sociais criam novas configurações

discursivas, que permitem não apenas a disseminação de informações, mas a reconfiguração de valores democráticos, adaptadas às necessidades narrativas do momento. Assim, as condições de emergência dos discursos autoritários no Twitter dependem de um arcabouço tecnológico que reconfigura as dinâmicas de poder e verdade, tal como apontado por Walters (2021) ao explorar o conceito foucaultiano de parrhesia e as tensões entre verdade e poder em tempos de regimes democráticos fragilizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar os sentidos de democracia nos anunciados de Jair Bolsonaro no Twitter durante o período eleitoral de 2022. Partindo da perspectiva da Análise do Discurso foucaultiana, compreendemos que o discurso não possui sentidos fixos ou únicos, mas é constituído pelas condições de possibilidade, pelas relações de poder e pelas disputas políticas. Nos tweets analisados, observamos que a construção de sentidos sobre democracia está relacionada a uma rede discursiva que abarca elementos como liberdade, patriotismo, constituição, independência entre os poderes, entre outros signos.

Os sentidos de democracia, nesse contexto, são articulados tanto na oposição ao adversário político, representados por Lula e o PT, quanto na defesa de valores como liberdade e patriotismo. Essa construção discursiva é sustentada por referências simbólicas e históricas, como o Bicentenário da Independência, a influência de discursos religiosos e os apoios externos, como o vídeo de Donald Trump. Tais enunciados, entretanto, retomam matrizes discursivas já presentes na campanha de 2018, demonstrando uma continuidade na configuração do bolsonarismo ao mesmo tempo político-discursivo.

Além disso, os discursos analisados revelam como as verdades em torno da democracia são estrategicamente produzidas e moldadas conforme os interesses de poder. Lastreados noção foucaultiana de vontade de verdade, notamos que os enunciados configuram redes de sentido que excluem outras possibilidades de interpretação, estabelecendo hegemonias discursivas que sustentam narrativas polarizadoras e, por vezes, baseadas em distorções e desinformações. A polarização política, acentuada pela oposição constante a Lula e ao PT, aparece como elemento central na estratégia discursiva do sujeito nos enunciados analisados, evidenciando as dinâmicas de poder e exclusão no campo político.

Como contribuição, este trabalho destacou as condições de possibilidade que sustentam os discursos de Bolsonaro sobre democracia, ao mesmo tempo em que dialogou com os sentidos que emergem na esfera digital. A análise dos tweets revelou como os discursos políticos contemporâneos se apropriam das plataformas digitais para constituir narrativas e disputar verdades, sobretudo em

contextos de crises democráticas. Os resultados reforçam, portanto, a relevância da AD foucaultiana para compreender a construção de discursos políticos na contemporaneidade.

Concluímos, pois, que a construção discursiva da democracia, conforme observado nos enunciados de Bolsonaro, reflete não apenas as disputas políticas em um período eleitoral, mas também as lógicas de poder que atravessam e moldam o espaço público. Esses sentidos não se restringem ao Brasil, mas se inscrevem em uma conjuntura internacional de crise democrática e ascensão de discursos autoritários, evidenciando que a democracia é, mais do que nunca, um campo em constante disputa.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO JUNIOR, A. C.; LOURENÇO, R. F. "Lideranças Populistas, Firehosing e a dinâmica algorítmica: um estudo dos posicionamentos de Jair Bolsonaro". **Más Poder Local**, n. 54, 2023.

CAMARGO, C. M. S. "Memória discursiva e a Análise do Discurso na perspectiva pecheutiana e sua relação com a memória social". **Saber Humano**, vol. 9, n. 14, 2019.

CÂNDIDO LOURENÇO, W. W. "Desconfiança perante a democracia e as instituições democráticas no resultado das eleições presidenciais de 2018". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 9, n. 26, 2022.

CAPILLA, P. "Post-Truth as a Mutation of Epistemology in Journalism". **Media and Communication**, vol. 9, n. 1, 2021.

COSTA DE JESUS, V. C.; SILVA, F. V. "Da formação do objeto às estratégias biopolíticas: discursos sobre a pobreza menstrual em materialidades jornalísticas digitais". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 42, 2023

DOMINGOS, J. **Discurso, poder e subjetivação**: uma discussão foucaultiana. João Pessoa: Editora Marca de Fantasia, 2020.

ESEN, B.; GUMUSCU, S. "How Erdoğan's populism won again". **Journal of Democracy**, vol. 34, n. 3, 2023.

FISCHER, R. M. B. "Foucault e a análise do discurso em educação". **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, 2003.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 2019.

FOUCAULT, M. **Histoire de la Folie à l´âge classique**. Paris: Gallimard, 1972.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Editora Claraluz, 2007.

KRARUP, T. "Archaeological Methodology: Foucault and the History of Systems of Thought". **Theory, Culture and Society**, vol. 38 n. 5, 2021.

KWOK, H. *et al*. "The regime of 'post-truth': COVID-19 and the politics of knowledge". **Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education**, vol. 44, n. 1, 2021.

LEVITSKY, S; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2018.

MALDONADO, M. A. "(Pos)verdad y política en la democracia liberal". **Quaderns de Filosofia**, vol. 10, n. 2, 2023.

MOURA, T. S; BRUNET, P. D. M; SILVA, F. V. "Discurso, poder e subjetividade na sociedade do cansaço: um estudo de tiras cômicas da série Viver dói, de Fabiane Langona". **Discursividades**, vol. 12, n. 1, 2023.

PALTRINIERI, L. "The Truth in Practice: Foucault's Genealogical Problematization of Truth-Telling". **Theory, Culture and Society**, vol. 38, n. 4, 2021.

PEREIRA FILHO, R. B.; DIÓGENES, J. V. H; GÓES, R. T. "Democracia iliberal e sociedade em rede: A era das redes sociais e seus impactos na democracia". **Revista de Teorias da Democracia e Direitos Políticos**, vol. 7, n. 1, 2021.

SANTOS, J. A; OLIVEIRA, G. S; SAAD, N. S. "Análise de discurso: fundamentos e procedimentos". **Cadernos da Fucamp**, vol. 20, n. 43, 2021.

SANTOS, R. M; CIOCCARI, D. O; MORAES, T. P. B. "O clã Bolsonaro e o Twitter: comunicação política e influência na rede social". **Mediapolis**, vol. 10, 2020.

SCHÄFER, S. "Political homophobia: The rise of anti-queer rhetoric in Indonesia and Turkey". **Journal of Language and Politics**, vol. 23. n. 6, 2024.

SEIBT, T.; DANNENBERG, M. "Pandemia, desinformação e discurso autoritário: os sentidos das declarações de Jair Bolsonaro no Twitter a partir de checagens dos Fatos". **Liinc em Revista**, vol. 17, n. 1, 2021.

SHIFMAN, L. SCHARLACH, R.; HALLINAN, B. "Governing principles: articulating values in social media platform policies". **New Media and Society**, vol. 25, n. 3, 2023.

SILVA, C. G. C. **O bolsonarismo da esfera pública**: uma análise foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro (Dissertação de Mestrado em Letras). Manaus: UFAM, 2020.

STANLEY, J. **How Fascism Works**: the politics of us and them. New York: Random House, 2018.

VAN DER MERWE, T. R. *et al*. "Crafting a Foucauldian Archaeology Method: A Critical Analysis of Occupational Therapy Curriculum-as-Discourse, South Africa". **Social Sciences**, vol. 12, n. 7, 2023.

VENZ, J. "Foucault's Conditions of Possibility and the Digital Archive". **Digital Scholarship in the Humanities**, vol. 37, n. 2, 2022.

WALTERS, W. "Truth-telling in Foucault and Arendt: parrhesia, the pariah and academics in dark times". **Journal of Political Power**, vol. 14, n. 3, 2021.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VI | Volume 20 | Nº 59 | Boa Vista |2024

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima